

Brandas e Cortelhos | Casa do Castelo | Centro Cultural | Fontanário | Cruzeiro | Eiras de Espigueiros | Igreja, capelas e ermidas | Escadaria do Vez | Pontes e calçadas de granito
Socalcos agrícolas | Organização do casario | Raças Autóctones e transumância | Panorâmicas sobre o Vale do Vez e Vale do Minho | Florestas e matagais | Lobo e fauna selvagem
Endemismos botânicos | Cogumelos silvestres | Vestígios de Glaciares | Geomorfologia granítica
Moinhos, levadas e poças comunitárias | Trilhos marcados | Ecovia do Vez



Foto: José Afonso

Trilhos marcados

Ecovia Arcos de Valdevez - Sistelo
Trilho das Brandas de Sistelo
Trilho do Glaciar
Grande Rota Sistelo-Peneda
Trilho das Pontes
Trilho da Procissão

Onde comer

Café de Sistelo | Tasquinha da Portela
Tasquinha Cultural

Como chegar

A partir da vila de Arcos de Valdevez seguir pela N202-2 até Sistelo ou, em alternativa, seguir pela N101, em direcção a Monção e na freguesia de Aboim da Choças virar à direita, seguir pela M505, virar à direita na primeira rotunda e chegando ao cruzamento virar à esquerda seguindo pela N202-2 até Sistelo.

Onde dormir

Casa da Avó | Casa da Teresina | Casa do Forno
Casa da Ferreirinha | Casa de Sistelo



Foto: Hugo Novo

Sistelo *paisagem cultural*



*Ó minha terra Sistelo
Ai que linda que tu és
Não há outra como tu
És a mãe do Rio Vez*

Quadra popular



Lugares (e Brandas) **de Sistelo: Igreja** (Ricôvo, Baraçal, Rebordo Chão, Trigueiros); **Padrão** (Alhal, Gêmeas); **Porta Cova** (Crastribô, Lapinheirinha, Outeiro Gordo, Costa do Salgueiro, Furado); **Estrica; Portela de Alvite; Quebrada.**

Póvoa medieval, fundada por Roy Pelais de Val de Vez, desde os primórdios teve uma forte ligação com a vizinha Paróquia de Cabreiro, à qual pertenceu. No séc. XIII a importância estratégica desta vertente da serra (nomeadamente na interligação e proximidade que tinha à via de penetração que desde as terras altas de Castro Laboreiro, unia a fronteira com a Galiza até às Terras do Vale do Vez), levou o monarca D. Afonso III, em 1271, a dar Carta de Foro a seis casais de Sistelo, para povoarem e trabalharem o então "monte ermo" de Padrão (Padron), com limites e designações que, passados mais de sete séculos ainda permanecem na memória e toponímia destes lugares. (Cerqueira Barros, F., 2015)

No séc. XIX, o 1º Visconde de Sistelo deu um contributo importante para o património construído, edificando a casa do castelo e a escola, entre outros.

A criação de gado bovino da raça Cachena foi, desde longa data, um dos pilares mais importantes da economia familiar de todas as comunidades serranas da Peneda(...) o que, associado com a exiguidade dos espaços férteis de vale, e a forte disponibilidade de pastos de alta montanha, passíveis de exploração (sobretudo na época estival), foi pontuando a serra de currais e "brandas", lançando bases para a estruturação de um uso transumante e sazonal do espaço, entre as áreas baixas de vale utilizadas durante todo o ano (e onde se implantam as aldeias), e as áreas de alta montanha (impraticáveis no inverno devido ao gelo e às neves), para onde sobem os gados entre Março/Abril, e

onde permanecem até Setembro/Outubro (onde se implantam as "brandas"), locais já edificadas, em alguns dos casos, no período medieval - séc.XIII - como o atesta a referência ao "Curial de Lamelas" ("Branda" de Lamelas, em Cabreiro). (Cerqueira Barros, F., 2015)

Outro dos pontos fundamentais para a estruturação deste território foi a introdução, a partir do séc. XVI, da cultura do milho Maiz.

As necessidades de regadio obrigaram ao retalhamento das pendentes das zonas de vale em monumentais socalcos, criando dessa forma patamares horizontais que sustentam a água e permitem a rega, esta proveniente de diversas levadas, algumas das quais utilizando água do rio, corgas, e outras provenientes de nascentes e poços. Foi precisamente a cultura do milho, e a construção dos socalcos que deixou uma das marcas mais fortes na paisagem de Sistelo, sobretudo no seu trecho entre Sistelo e Porta Cova. A estes associam-se os espigueiros (ou canastros), destinados à guarda e secagem do milho, edificados com a estrutura principal em granito e as paredes laterais em madeira, elevados de forma a evitarem a humidade do solo, e protegidos da subida dos roedores, por mós, ou mesas, salientes. No seio das densas aldeias, que caracterizam o povoamento concentrado de montanha, os espigueiros agrupam-se, implantando-se nas áreas de melhor exposição ao sol e aos ventos, garantindo uma melhor conservação do cereal. (Cerqueira Barros, F., 2015)